
2 O tecelão - PAULO E ESTEVÃO - FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Apesar de acostumados ao espetáculo permanente da chegada de estrangeiros à cidade, dada a sua privilegiada situação no deserto, os transeuntes de Palmira notaram, com profundo interesse, a passagem daquele beduíno seguido de humilde serviçal a puxar um mísero camelo arquejante de cansaço.

Sem dúvida, reconheceram-lhe o perfil de judeu -nos traços característicos do rosto, na energia serena que lhe transparecia do olhar.

Saulo, por sua vez, transitava com ar indiferente, como se convivesse naquele cenário, de há muito tempo.

Ciente de que o irmão do antigo mestre era ali negociante dos mais conhecidos e abastados, não teve dificuldade em obter informações de um compatriota, que lhe indicou a residência.

Acomodando-se numa estalagem comum para refazer-se das fadigas da viagem, consultou a bolsa para regular o seu programa. O dinheiro esgotava -

se, mal chegaria para remunerar o companheiro dedicado que lhe fora amigo fiel em toda a penosa viagem.

Depois de informado do "quantum" a pagar,

verificando a insuficiência dos recursos, falou-lhe com humildade:

"Judá, de momento não tenho o bastante para compensar melhor o

serviço que me prestaste.

Entre tanto, dou-te metade da importância e mais o

camelo em pagamento do restante.

O próprio servo comoveu-se com o tom humilde da proposta.

"Não precisa tanto, senhor" respondeu confuso, "o valor do animal

basta e sobra.

Desse modo, não ficará desprevenido.

Contento -me com

algumas moedas, apenas o necessário para custear a volta.

Saulo teve para ele um olhar de reconhecimento e, alegando a impossibilidade de o reter por mais tempo, despediu-o com expressões de conforto e votos de feliz regresso a Damasco.

Depois, recolhendo-se ao quarto pobre que tomara, entrou a meditar, acuradamente, nos últimos acontecimentos da sua vida.

Estava só, sem parentes, sem amigos, sem dinheiro. Pouco antes daquela

resolução de partir no encalço de Ananias, não vacilaria em decretar a morte de quem profetizasse o futuro que o esperava. Sua existência, seus planos,

estavam transformados nos detalhes mais íntimos. Que fazer agora? E se não

encontrasse em Palmira o socorro de Gamaliel, conforme aguardava em suas esperanças secretas? Considerou a extensão das dificuldades que se desdobravam a seus olhos.

Tudo di fícil.

Estava como o homem que houvesse

perdido a família, a pátria e o lar. Profunda amargura ameaçava invadir -lhe o

coração.

Repentinamente, porém, recor dou-se do Cristo e a lembrança da

visão gloriosa encheu-lhe de conforto o espírito desolado. Confiando muito

mais naquele que lhe estendera as mãos, do que em suas próprias forças, procurou acalmar os sobressaltos íntimos, dando repouso ao corpo fatigado.

No dia seguinte, manhã alta, saiu à rua preocupado e ansioso. Obedecendo

aos informes recolhidos, parou à porta de confortável edifício, à frente do qual funcionavam grandes lojas comerciais.

Procurando Ezequias, foi logo atendido por um homem idoso, de semblante

riso e respeitável, que o saudou com muita simpatia.

Tratava -se do irmão

de Gamaliel, que, logo se familiarizando com o patrício recém -chegado de

longe, proporcionou-lhe confortadora palestra.

Buscando informar -se,

142

delicadamente, a respeito do venerável rabino de Jerusalém.

Saulo obtinha de

Ezequias os esclarecimentos necessários, tomado de profundo interesse:

«Meu irmão » dizia ele preocupado « desde que chegou a Palmira

pareceu-me muito diferente.

É possível que a mudança de Jerusalém tenha

influído para essa profunda transformação.

A diferença de ambiente social, a

alteração de hábitos, o clima, a ausência dos trabalhos usuais, tudo isso pode

ter-lhe prejudicado a saúde.

«Como assim?» perguntou o moço sem dissimular a estranheza.

«Passa dias e dias numa cabana abandonada que possuo, à sombra de

algumas tamareiras, num dos muitos oásis que nos rodeiam; e isso, veja, tão -

só para ler e meditar um manuscrito sem importância, que não consegui

compreender.

Além disso, parece -me completamente desinteressado de

nossas práticas religiosas, vive como que alheio ao mundo.

Fala em visões do céu, refere-se constantemente a um carpinteiro que se

transformou em Messias do povo e alimentava-se de coisas imaginárias, de

sonhos irreais.

As vezes, é com profundo pesar que lhe observo a decadência

mental.

Minha mulher, porém, tudo atribui à idade avançada e eu quero crer

seja antes, ou pelo menos em grande parte, devido à intensidade do estudo,

das meditações prolongadas.

Ezequias fez uma pausa, enquanto Saulo fixava nele o olhar percuciente e significativo, compreendendo a condição do velho mestre.

A uma nova observação do moço tarsense, conti nuava o outro, loquaz:

“No seio de minha família, Gamaliel é tratado como se fora o nosso pai.

Aliás, devo meu início de vida às suas imensas dedicações fraternais.
Por isso

mesmo, eu e minha mulher combinamos com os filhinhos, relativamente à

atmosfera de paz que deverá cercar aqui o prezado e nobre enfermo.
Quando

ele discorre sobre as ilusões religiosas que o empolgam no seu desequilíbrio

mental, ninguém nesta casa o contradiz.
Já sabemos que não fala mais por si.

A mentalidade poderosa esmaeceu, a estrela se apagou.
Considerando essas

penosas circunstâncias, ainda rendo graças a Deus que mo trouxe aqui, para
terminar seus dias aquecido pelo nosso afeto familiar, e indene do escárnio de que
talvez pudesse ser objeto em Jerusalém, onde nem todos estão à altura de
lhe compreender e honrar o passado ilustre.

“Mas a cidade sempre venerou nele um mestre inesquecível” ajuntou o
rapaz como se quisesse defender seus próprios sentimentos de amizade e
admiração.

“Sim” esclareceu o negociante, convicto, “um homem do seu nível
intelectual estaria preparado a entender tudo, mas os outros? O senhor não
ignora, naturalmente, a perseguição implacável, movida pelas autoridades do
Sinédrio e do Templo, contra os simpatizantes do famoso carpinteiro nazareno.
Palmira teve notícias dos fatos, por intermédio de inúmeros patrícios pobres,
que deixaram Jerusalém à pressa, ameaçados de prisão e morte.

Ora, foi justamente com a personalidade desse homem que Gamaliel deu

as primeiras demonstrações de fraqueza mental.

Se estivesse por lá, que seria

da sua velhice desamparada?

Naturalmente muitos amigos, como o senhor, estariam a postos para a

defesa; mas, o caso podia tomar aspectos mais graves, surgirem inimigos

políticos reclamando medidas ingratas.

E de nossa parte nada poderíamos

tentar para restabelecer a situação, porque, na verdade, a sua loucura é

pacífica, quase imperceptível e de maneira alguma conseguiríamos suportar

143

sua apologia ao celerado que o Sinédrio mandou à cruz dos ladrões.

Saulo sentia extremo mal-estar ouvindo aquelas observações, agora tão

injustas e superficiais ao seu ver.

Compreendia a delicadeza do momento e a

natureza dos recursos psicológicos a empregar, para não se comprometer,

agravando, ainda mais, a posição do mestre ilustre.

Desejando imprimir novo rumo à conversa, perguntou com serenidade:

▯ E os médicos? qual a opinião dos entendidos?

▯ No último exame a que se submeteu, por insistência nossa,

descobriram que o estimado doente, além de perturbado, padece de singular

astenia orgânica, que lhe vai consumindo as últimas forças vitais.

Saulo fez ainda algumas observações, contristado, e, depois de

reconsiderar as primeiras impressões relativamente à amável hospitalidade de

Ezequias, auxiliado por um pequeno servo da casa, demandou o local, onde o

antigo mentor o recebeu com surpresa e alegria.

O ex-discípulo notou que Gamaliel, com efeito, apresentava sintomas de

profundo abatimento.

Foi com infinito júbilo que o apertou afetuosamente nos

braços, osculando-lhe, amoroso, as mãos encarquilhadas e trêmulas.
Seus

cabelos pareciam mais brancos; a epiderme sulcada de rugas veneráveis dava
impressão do alabastro uma palidez indefinível.

Falaram longamente das saudades, dos sucessos de Jerusalém, dos
amigos distantes.

Depois dos preâmbulos afetuosos, o moço tarsense rel atou ao mestre
venerando as graças recolhidas às portas de Damasco - A voz de Saulo tinha a
inflexão vibrante da paixão e da sinceridade que costumava imprimir às
emoções próprias.

O velhinho ouviu -lhe a narrativa com indizível espanto; nos

olhos vivos e serenos, rorejavam lágrimas de emoção, que não chegavam a
cair.

Aquela prova enchia-o de profundo consolo.
Não havia aceitado, em vão,

aquele Cristo sábio e amoroso, incompreendido dos colegas.
Ao término da

exposição, Saulo de Tarso tinha o olhar ve lado em pranto.
O bondoso ancião

abraçou-o comovidamente, atraindo-o ao coração.

«Saulo, meu filho» disse exultante», bem sabia que me não enganava

a respeito do Salvador, que tão profundamente me falou à velhice exausta,

através da luz espiritual do seu Evangelho de redenção.
Jesus dignou -se

estender as mãos amorosas ao teu Espírito dedicado.

A visão de Damasco bastará para a consagração de tua existência inteira

ao amor do Messias.

É verdade que muito trabalhaste pela Lei de Moisés, sem

hesitar na adoção de medidas extremas, na sua defesa.
Entretanto, é chegado

o momento de trabalhares por quem é maior que Moisés.

□ Sinto-me, porém, grandemente desorientado e con fundido □

murmurou o jovem de Tarso, cheio de con fiança.

Desde a ocorrência noto que

estou sendo objeto de singulares e radicais transformações.

Obediente ao meu

feitio absolutamente sincero, quis começar meu es forço pelo Cristo, em

Damasco, e, no entanto, recebi dos nossos amigos, dali, as maiores

manifestações de desprezo e ridículo, que muito me fizeram sofrer.

Repentinamente,

vi-me sem companheiros, sem ninguém.

Al guns componentes da

reunião do □Caminho□ consolaram minhalma abatida com as suas expressões

de fraternidade, mas não foram bastantes para ressarcir as amar gas

desilusões experimentadas.

O próprio Sadoc, que, na infância, foi pupilo de

meu pai, cobriu-me de recriminações e zombarias.

Desejei voltar a Jerusalém,

mas, através do quadro da Sinagoga de Damasco, compreendi o que me

144

esperava em grande escala junto às autoridades do Sin édrio e do Templo.

Naturalmente, a profissão de rabino não me poderá interessar o espírito

sincero, porque, de outro modo, seria mentir a mim mesmo.

Sem trabalho, sem

dinheiro, acho-me num labirinto de questões insolúveis, sem o auxílio de um

coração mais experiente que o meu.

Resolvi, então, demandar o deserto e

procurar-vos para o socorro necessário.

E concluindo a rogativa, com os olhos súplices, revelando as ansiedades

tormentosas que lhe povoavam a alma, exclamou:

▫ Mestre amado, sempre enxergastes as soluções do bem, onde minha
imperfeição não devassava senão sombras amargurosas!.

.
.
Amparai meu

coração mergulhado em dolorosos pesadelos.
Preciso servir Àquele que se

dignou arrancar-me das trevas do mal, não posso dispensar vosso auxílio

neste transe difícil da minha vida!.

.
.
Essas palavras eram ditas com inflexão profunda mente comovedora.
Olhos

firmes, embora iluminados de intensa ternura, o generoso velhinho acariciou -

lhe as mãos e começou a falar comovidamente:

▫ Examinemos tuas dúvidas, de maneir a particular, a fim de estudarmos
uma solução adequada a todos os problemas, à luz dos ensinamentos que hoje
nos iluminam.

E, após uma pausa em que parecia catalogar os assuntos, continuava:

▫ Falas do desprezo experimentado na Sinagoga de Damasco; mas, os

exemplos são claros e convincentes.
Também eu, atualmente, sou considerado

como louco pacífico, no ambiente dos meus.
Em Jerusalém, viste Simão Pedro

vilipendiado por amar os pobres de Deus e dar -lhes acolhida; viste Estevão

morrer sob pedradas e que mais ? O próprio Cristo, redentor dos homens, não

se furtou aos martírios de uma cruz infamante, entre malfeitores condenados

pela justiça do mundo.

A lição do Mestre é grande demais para que seus

discípulos estejam a espera de dominações políticas ou de altas expressões

financeiras, em seu nome.

Se ele que era puro, e inimitável, por excelência,

andou entre sofrimentos e incompreensões neste mundo, não é justo aguar -
demos repouso e vida fácil em nossa miserável condição de pecadores.

O moço tarsense ouvia aquelas palavras mansas e enérgicas, com a alma
dolorida, mormente no que se referia às perseguições infligidas a Pedro e no
capítulo das lembranças de Estevão, às quais o velho amigo tinha a delicadeza
de não aludir nominalmente ao verdugo.

□A respeito das dificuldades que dizes experimen tar depois dos sucessos
de Damasco □ prosseguia Gamaliel serenamente □, nada mais justo e natural

a meus olhos experimentados nos problemas do mundo.
Nossos avós, antes

de receber o maná do céu, atravessaram tempos sombrios de miséria,

escravidão e sofrimento.

Sem as angústias do deserto, Moisés jamais

encontraria na rocha estéril a fonte de água viva.

E talvez ainda não tenhas

meditado melhor nas revelações da Terra Prometida.

Que região seria essa,

se, guardando a compreensão mais vasta de Deus, descobrimos em todos os

pontos do mundo mananciais de sua proteção? Há tama reiras, frondosas e

amigas, medrando nos areais ardentes.

Essas árvores generosas não

transformam o próprio deserto em caminhos abençoados, cheios do pão d ivino

para matar nossa fome? Nas minhas reflexões solitárias, cheguei à conclusão

de que a Terra Prometida pelas divinas revelações é o Evangelho do Cristo

Jesus.

E a meditação nos sugere comparações mais profundas.

Quando

nossos ascendentes mais corajosos trabalhavam por conquistar a região

privilegiada, numerosas pessoas tentavam desanimar os mais pertinazes, asseverando que o terreno era inóspito, que os ares eram insalubres e portadores de febres mortais; que os habitantes eram intratáveis, devoradores de carne humana; mas Josué e Caleb, num esforço heróico, penetraram a terra desconhecida, venceram os primeiros obstáculos e voltaram dizendo que dentro da região manavam leite e mel. Não temos aí um símbolo perfeito? A

revelação divina deve referir -se a uma região bendita, cujo clima espiritual seja feito de paz e luz.

Adaptarmo-nos ao Evangelho é descobrir outro país, cuja grandeza se perde no Infinito da alma. A nosso lado permanecem aqueles que

tudo fazem por nos desanimar na empresa conquistada. Acusam a lição do

Cristo de criminosa e revolucionária, enxergam no seu exemplo intuídos de desorganização e de morte; qualificam um apóstolo, como Simão Pedro, de pescador presunçoso e ignorante; mas pensando na quela estupenda serenidade com que Estevão entregou a alma a Deus, vi nele a figura do companheiro corajoso e digno, que voltava das lições do "Caminho" para nos afirmar que na Terra do Evangelho há fontes do leite da sabedoria e do mel do amor divino.

É preciso, pois, marchar sem repouso e sem contar os obstáculos da viagem.

Procuramos a mansão infinita que nos seduz o coração.

Gamaliel fizera uma pausa em suas expressões amargas e altamente consoladoras.

Saulo estava admirado.

Aquelas comparações tão simples,

aquelas deduções preciosas do estudo da Antiga Lei, com relação a Jesus, deixavam-no perplexo.

A sabedoria do ancião renovava -lhe as forças.

« Alegas tua estranheza » continuou o venerando amigo, enquanto o

jovem o fixava com interesse crescente « com a mudança de profissão e a

falta de dinheiro para as necessidades mais imediatas.

.
.

Entretanto, Saulo,

basta meditar um pouco na realidade dos fatos, para que vejas claramente.

Um

velho, como eu, está na situação de Moisés contemplando a Terra Prometida,

sem poder alcançá-la.

Mas, quanto a ti, é preciso convir que estás ainda muito

moço.

Podes multiplicar as energias com o adestramento de tuas forças e

penetrar o terreno das aspirações do Salvador, a nosso respeito.

Para isso, é

indispensável simplificar a vida, recomeçar a luta.

Josué não poderia ter

vencido os óbices do caminho tão -só com a leitura dos textos sagrados, ou

com os favores de quantos o estimavam.

Certamente, manipulou instrumentos

rudes, aplainou estradas onde havia abismos, à custa de esforços sobre -

humanos.

« E que me aconselhas neste sentido? » interrogou o rapaz com

profunda atenção, enquanto o velho mestre fazia longa pausa.

« Quero dizer que conheço teu pai, bem como sua situação de abastança.

Naturalmente, nas suas expressões de afeto, não se negaria a te prestar todo o

auxílio, nesta emergência.

Mas teu pai é humano e pode ser chamado amanhã à vida espiritual.

Seu

amparo, portanto, seria valioso, mas não deixaria de ser precário, se não

cooperasses com teu esforço próprio na solução dos teus problemas.

E vives

uma fase em que todo trabalho enérgico se faz indispensável.

Examinada a

questão de família, vejamos tua condição profissional.

Até agora foste rabino

da Lei, preocupado com os erros alheios, com as discussões da casuística,

com a situação de evidência entre os doutores; ganhavas dinheiro na vigilância

dos outros, mas Deus te chamou à verificação dos teus próprios desvios, como

chamou a mim mesmo.

A Terra Prometida desenha-se aos nossos olhos.

È

preciso vencer os obstáculos e marchar.

146

Como doutor da Lei, isso não mais te seria possível.

Então é necessário

recomeçar a tarefa como o homem que procurava inutilmente o ouro no lugar

onde ele não existia.

O problema é de trabalho, de esforço pessoal.

O moço de Tarso demorou o olhar úmido de emoção no velho generoso e

exclamou:

«Sim, agora compreendo.

.

.

«Que aprendeste na infância, antes da posição conquistada?»

perguntou o ancião previdente.

«Consoante os costumes da nossa raça, meu pai mandou-me aprender o

ofício de tecelão, como sabeis.

«Não podias receber das mãos pa ternas dádiva mais generosa»

acrescentou Gamaliel com um sorriso sereno; teu pai foi previdente, como

todos os chefes de família do povo de Deus, procurando afeiçoar tuas mãos ao

trabalho, antes que o cérebro se povoasse de muitas idéias.

Está escrito q ue

devemos comer o pão com o suor do rosto, O trabalho é o movimento sagrado da vida.

Fazendo um intervalo, como que procurando refletir mais profundamente, o velho mentor da mocidade fananica voltou a dizer:

▫ Foste humilde tecelão antes de conquistares os títulos honoríficos de Jerusalém.

.
.

Agora que te candidatas a servir ao Messias na Jerusalém da Humanidade,

é bom que voltes a ser modesto tecelão.
As tarefas apagadas são grandes

mestras do espírito de submissão.
Não te sintas humilhado regressando ao

tear que nos surge, presentemente, qual amigo generoso.
Estás sem dinheiro,

sem recursos materiais.

.
.

À primeira vista, considerando tua situação de realce

no mundo, seria justo recorrer a parentes ou amigos.
Mas não estás doente,

nem envelhecido.

Tens a saúde e a força.

Não será mais nobre convertê -las

em elemento de socorro a ti mesmo? Todo trabalho honesto está selado com a bênção de Deus.

Ser tecelão, depois de ter sido rabino, é para mim mais honroso que

descansar sobre os títulos ilusórios, conquista dos num mundo onde a maioria dos homens ignora o bem e a verdade.

Saulo compreendeu a grandeza dos conceitos e, to mando-lhe a mão,

beijou-a com profundo respeito, murmurando:

□ Não esperava de vós senão esta franqueza e esta sinceridade que

iluminam meu espírito.

Aprenderei, de novo, o caminho da vida, encontrarei no

ruído do tear os estímulos brandos e amigos do trabalho santificante.

Conviverei com os mais desfavorecidos da sorte, pene trarei mais intimamente

nas suas amarguras de cada dia; em contacto com as dores alheias hei de

saber dominar meus próprios impulsos inferiores, tornando -me mais paciente e

mais humano!.

.
.

Tomado de grande alegria, o sábio velhinho acari ciou-lhe os cabelos,

exclamando emocionado:

□Deus abençoará tuas esperanças!.

.
.

Longo tempo ficaram em silêncio, como desejosos de prolongar,

indefinidamente, aquele instante glorioso de compreensão e harmonia.

Foi Saulo quem, denotando no olhar as muitas preo cupações íntimas,

quebrou o silêncio, dizendo receoso:

□Pretendo retomar o ofício da primeira idade, mas estou sem dinheiro

para a viagem.

Se fosse possível, exerceria a profissão aqui mesmo, em

147

Palmira.

.
.

Falava hesitante, deixando perceber ao venerável amigo a vergonha que

experimentava com o fazer -lhe essa confissão.

□Como não? □ obtemperou Gamaliel solícito - considero que as

dificuldades da volta não seriam pequenas.

Entretanto, não incluem nos

obstáculos os problemas do dinheiro, porque, de qualquer forma, poderia nos

obter-lo para as despesas mais urgentes.

Refiro-me simplesmente aos perigos

da situação que passou.

Acho justo que regresse a Jerusalém ou a Tarso,

plenamente integrado nos teus novos deveres.

Toda planta é frágil quando

começa a crescer.

As tricas do farisaísmo, a falsa ciência dos doutores, as

vaidades familiares poderiam abafar a semente gloriosa que Jesus te lançou no

coração ardente, O rebento mais promissor não se desenvolverá se o

cobrirmos de detritos e lama.

É bom que voltes ao berço, aos nossos

companheiros e à família, como árvore frondejante, honrando a dedicação do

Divino Cultivador.

“Mas que fazer?” tornou Saulo preocupado.

O antigo mestre refletiu um instante e esclareceu:

“Sabes que as zonas do deserto são grandes mercados dos artigos de

couro, O serviço de transporte.

depende inteiramente dos tecelões mais hábeis

e dedicados.

Assim compreendendo, meu irmão estabeleceu diversas tendas

de trabalho nos oásis mais distantes, para atender às necessidades do seu

comércio.

Conversarei com Ezequias a teu respeito.

Não direi que se trata de

um grande chefe de Jerusalém, que pretende exilar-se por algum tempo, não

pelo receio de envergonhar teu nome ou tua origem, mas por julgar útil que

proves a humildade e a solidão no teu novo caminho.

As considerações

convencionais poderiam perturbar -te, agora que necessitas exterminar o

□homem velho□ a golpes de sacrifício e disciplina.

□ Compreendo e obedeço em meu próprio benefício murmurou Saulo com atenção.

□Aliás, Jesus exemplificou tudo isso, permanece cendo em nosso meio, sem que o percebêssemos.

O moço tarsense pôs-se a meditar na elevação dos alvitres recebidos.

Iniciaria uma existência nova.
Tomaria o tear com humildade.
Alegrava -se, ao

recordar que o Mestre não desdenhara, por sua vez, o banco de carpinteiro.
O

deserto lhe proporcionaria consolação, trabalho, silêncio.
Ganharia não mais o

dinheiro fácil da admiração indevida, mas os recursos necessários à existência,
com o subido valor dos obstáculos vencidos.
Gamaliel tinha razão.
Não era

lícito rogar o favor dos homens quando Deus lhe havia feito o maior de todos
os favores, iluminando-lhe a consciência para sempre.
É verdade que em

Jerusalém havia sido cruel verdugo, mas contava apenas trinta anos.
Buscaria

reconciliar-se com todos a quem havia ofendido no seu rigorismo sectário.

Sentia-se jovem, trabalharia para Jesus enquanto lhe restassem energias.

A palavra carinhosa do ancião veio arrancá -lo das profundas cismas.

□Tens o Evangelho? □ perguntou o velhinho com bondoso interesse.

Saulo mostrou-lhe a parte fragmentária que trazia, explicando -lhe o trabalho
que teve, em Damasco, para copiá -la dos manuscritos do generoso pregador

que lhe curara a cegueira repentina.
Gamaliel examinou -a com atenção e,

depois de concentrar-se longo tempo, acrescentou:

«Tenho uma cópia integral das anotações de Levi, cobrador de impostos em Cafarnaum, que se fez Apóstolo do Messias» lembrança generosa de
148

Simão Pedro à minha pobre amizade: presentemente não necessito mais

desses pergaminhos, que considero sagrados.

Para gravar na memória as

lições do Mestre, procurei copiar todos os ensinamentos, fixando-os na memória,

para sempre.

Já possuo três exemplares completos do Evangelho, sem a

cooperação de escriba algum.

Desse modo, por considerar a dádiva de Pedro

como santificada relíquia de nobre afeição, quero depositá-la em tuas mãos.

Levarás contigo as páginas escritas na igreja do «Caminho», como fiéis

companheiras do teu novo trabalho.

O ex-rabino escutava-lhe as declarações afetuosas, tomado de profunda

emoção.

«Mas, por que desfazer-vos de uma lembrança carinhosa, por minha

causa?» perguntou sensibilizado.

«Ficaria muito contente com uma das

cópias feitas por vossas mãos!

.
.

O velho mestre fixou o olhar tranqüilo na paisagem e murmurou com voz

profética:

«Cheguei ao fim da carreira, devo esperar a morte do corpo.

Se hei de

abandonar a dádiva de Pedro a pessoas que lhe não podem reconhecer o valor

que lhe atribuímos, é justo entregá -la a um amigo fiel, que pode ajuizar do seu caráter sagrado.

Além disso, tenho a convicção de que não mais poderei voltar

a Jerusalém; neste mundo, não me será possível qualquer entendimento direto

com os Apóstolos galileus, a respeito das luzes que o Salvador derramou em

meu espírito.

E temo que os adeptos de Jesus te não possam compreender de

pronto, quando regressares à cidade santa.

Terás, então, esta lembrança para

te apresentares a Pedro em meu nome.

Aquele tom profético impressionava o moço tarsense, que baixou a

cabeça, de olhos úmidos.

Depois de longo intervalo, como que procurando recompor as idéias com

perfeita sabedoria, Gamaliel con tinuava solícito:

▯ Vejo-te, no futuro, dedicado a Jesus, com o mesmo zelo ardente com

que te conheci consagrado a Moisés! Se o Mestre te chamou ao serviço é

porque confia na tua compreensão de servo fiel.

Quando o esforço das mãos te

haja granjeado a liberdade para escolheres o novo caminho a seguir, Deus há

de abençoar-te o coração, para difundires a luz do Evangelho entre os homens,

até ao último dia de vida aqui na Terra.

Nesse labor, meu filho, se tomares

incompreensão e luta em Jerusalém, não deses peres nem esmoreças.

Semeaste por lá certa confusão nos espíritos, é justo recolhas os resultados.

Em toda tarefa, porém, lembra-te do Cristo e passa adiante com o teu esforço

sincero.

Não te perturbem as desconfianças, a calúnia e a má -fé, atento a que

Jesus venceu galhardamente tudo isso!.

.
.

Saulo sentia profundo descanso naquela exortação amorosa, terna, leal.

Ouvindo-a, deixou-se ficar, longo tempo, entre lágrimas ardentes que testemunhavam o arrependimento do passado e as esperanças do futuro.

Naquela tarde, Gamaliel deixou a rústica choupana, dirigindo -se com o exdiscípulo à casa do irmão, que acolheu, desde então, o jovem tarsense sob o seu teto, com indisfarçável contentamento.

A inteligência fulgurante e a juventude comunicativa do ex-doutor da Lei conquistaram Ezequias e os seus, numa bela expressão de amizade espontânea.

Nessa mesma noite, concluídas as cerimônias do misticismo da última colação habitual, o velho rabino de Jerusalém expôs ao negociante a situação

149

do seu protegido.

Explicou-lhe que Saulo fora seu discípulo, desde menino,

exaltando-lhe o valor pessoal e concluindo com a exposição de suas

necessidades econômicas, verdadeiramente críticas.

E diante do próprio

interessado, que acentuava sua admiração por aquele velhinho sábio e

generoso, esclareceu que ele tencionava trabalhar como tecelão nas tendas do

deserto, rogando a Ezequias auxiliasse, com sua bondade, tão nobres

aspirações de trabalho e esforço próprios.

O comerciante de Palmira admirou-se.

«Mas o rapaz, de modo algum» advertiu atencioso «necessitará

insular-se para ganhar a vida.

Tenho meios de localizá-lo aqui mesmo, na

cidade, onde ficará em contacto permanente conosco.

«Entretanto, preferiria vosso amparo generoso lá no deserto» acentuou

Saulo em tom significativo.

“Por quê?” indagou Ezequias interessado “não compreendo

mocidades como a tua exiladas nos estendais de areia intermináveis.

Os

imigrantes do êxodo de Jerusalém, na condição de solteiros, não toleraram os

elementos que lhes ofereci nos oásis distantes.

Apenas alguns casais aceitaram as propostas e partiram.

Quanto a ti, com

os teus dotes intelectuais, não compreendo como preferes ser tecelão humilde,

segregado de todos.

.
.

Gamaliel compreendeu que a estranheza do irmão poderia levá-lo a

suposições errôneas, acerca do jovem amigo, e, antes que alguma suspeita

injusta se lhe esboçasse ao espírito indagador, ponderou com prudência:

“Tua pergunta, Ezequias, é natural, pois as resoluções de Saulo inspiram

estranheza a qualquer homem prático.

Trata-se de um moço cheio de talento,

credor de belas promessas e, ao demais, muito instruído.

Os menos avisados

poderão chegar ao extremo de presumirem na sua atitude o desejo de fugir a

conseqüências de algum crime.

Mas não há tal.

Para ser mais franco, devo

dizer que meu antigo discípulo quer consagrar-se, mais tarde, à difusão da

palavra de Deus.

Achas, então, que Saulo se elegeisse a carreira da mocidade

triumfante, da nossa época, preferiria Palmira a Jerusalém? A situação,

portanto, não é apenas de necessidade pecuniária, é também de carência de

meditação nos problemas mais graves da vida.

Bem sabemos que os profetas

e homens de Deus foram aos lugares ermos, a fim de sentirem as reais

inspirações do Altíssimo, antes de ministrarem, com êxito, a santidade da palavra.

□ Se é assim.

.
.
replicou o outro, vencido.

E após meditar alguns momentos, o negociante voltou a dizer:

□ Na região que conhecemos por "oásis de Dan", daqui distante mais de cinquenta milhas, precisamente, instalei há cerca de um mês um jovem casal de tecelões que chegou na última leva de refugiados. Trata-se de Áquila, cuja

mulher, de nome Prisca, foi serva de minha esposa, quando menina, é órfã desamparada.

Esses bons operários são, atualmente, os únicos habitantes do oásis.

Saulo poderá fazer-lhes companhia. Ali há tendas próprias, casa

confortável e teares indispensáveis ao serviço.

□ E qual o sistema do trabalho? □ interrogou o jovem tarsense interessado pela nova tarefa.

□ A especialidade desse posto avançado □ esclareceu Ezequias com certo orgulho □ é a preparação de tapetes de lã e dos tecidos resistentes de pelo caprino, destinados a barracas de viagem. Esses artigos são fornicados

150

por nossa casa comercial, em grande escala, mas, situando a manufatura desse trabalho tão distante, tive em vista as necessidades urgentes dos grupos de camelos de minha propriedade, empregados no meu tráfico comercial com toda a Síria e pontos outros mais florescentes, do comércio em geral.

□ Tudo farei por corresponder à vossa confiança □ confirmou o ex-rabino

confortado.

A palestra prosseguiu ainda, longo tempo, no comen tário das perspectivas, das condições e vantagens do negócio.

Daí a três dias, Saulo despedia -se do mestre, debaixo de profunda comoção.

Figurava-se-lhe que aquele abraço afetuoso era o último e, até q ue

os camelos da caravana largassem em direção da imensa planície, o jovem envolveu o venerando ancião nas vibrações caridosas do an gustioso adeus.

No dia imediato, os serviçais de Ezequias, ladeando a extensa fila de camelos resignados, deixavam-no com vultosa carga de couros, na companhia de Áquila e sua mulher, no grande oásis que florescia em pleno deserto.

Os dois operários da pequena oficina receberam -no com as melhores

mostras de fraternidade e simpatia.

Saulo reconheceu neles, de relance, as

mais nobres qualidades espirituais.

A mocidade do generoso casal ex pandia-se

em formosas expressões de trabalho e bom ânimo.

Prisca desdobrava -se em

atividades para assinalar em tudo as preciosidades do seu carinho.

Suas

velhas canções hebraicas ressoavam no grande silêncio como notas de

soberana e harmoniosa beleza.

Termina dos os serviços domésticos, ei -la junto

do companheiro, nas lides do tear, até às horas mais avançadas do crepúsculo.

O marido, por sua vez, parecia um temperamento privilegiado, desses que se

movimentam sem a presença do agulhão.

Plenamente integrado nas

responsabilidades que lhe competiam, Áquila trabalhava sem des canso à

sombra das árvores acolhedoras e amigas.

Saulo compreendeu a bênção que havia recebido.

Tinha a impressão de

encontrar naquelas duas almas fraternas, que nunca mais se haviam de separar espiritualmente da grandeza de sua missão, dois habitantes de um mundo diferente que, até então, não lhe fora dado conhecer na vida.

Áquila e Prisca, antes que esposos, pareciam ver dadeiros irmãos.

No

primeiro dia de esforço conjunto, o ex -doutor da Lei observou-lhes o respeito mútuo, a perfeita conformidade de idéias a elevada noção de deveres que lhes caracterizava as menores atitudes e, sobretudo, a alegria sã que irradiava dos seus menores gestos.

Seus costumes puros e generosos encantavam -lhe a

alma desiludida das hipocrisias humanas.

As re feições eram simples; cada

objeto tinha o seu aproveitamento e lugar adequado, e as palavras, quando

saíam do círculo da alegria comum, jamais incidiam em maledicência ou

frivolidade.

O primeiro dia correu com agradabilíssimas surpresas para o ex-rabino,

sequioso de paz e solidão para os seus novos estudos e meditações.

O

companheiro de trabalho desfazia -se em gentilezas para atender -lhe às

pequenas dificuldades no mister que há longo tempo deixara de praticar.

Áquila estranhou, naturalmente, as mãos delicadas, as maneiras diferentes, em

nada semelhantes às de um tecelão comum; mas, com a nobreza que o

caracterizava, nada perguntou relativamente aos motivos do seu insulamento.

Naquela mesma tarde, cessada a tarefa, o casal acomodou -se ao pé de

frondosa palmeira, não sem lançar ao novo companheiro olhares indagadores,

que traduziam indisfarçável inquietude.

Silenciosos, desenrolaram uns velhos

pergaminhos e começaram a ler com muita atenção.

Saulo percebeu aquela atitude receosa e aproximou-se.

« De fato » disse carinhoso « a tarde no deserto convida à meditação.

.
.

o lençol infinito de areia parece um oceano parado.

.
.

a aragem branda

representa a mensagem das cidades distantes.

Tenho a impressão de

estarmos num templo de paz imperturbável, fora do mundo.

.
.

Áquila admirou-se daquelas imagens evocativas e experimentou maior

simpatia por aquele rapaz anônimo, segregado talvez dos afetos mais caros, a

contemplar a planície sem-fim, com imensa tristeza.

« É verdade » respondeu atencioso », sempre acreditei que a Natureza

conservou o deserto como altar de silêncio divino, para que os filhos de Deus

tenham na Terra um local de perfeito repouso.

Aprov eitemos, pois, nosso

estágio na solidão, para pensar no Pai justo e santo, considerando sua

magnanimidade e grandeza.

A esse tempo, Prisca debruçava -se sobre a primeira parte do rolo de

pergaminhos, absorvida na leitura.

Lendo casualmente, de longe, o nome de Jesus, Saulo aproximou-se ainda

mais e, sem conseguir ocultar seu grande interesse, perguntou:

- Áquila, tenho tanto amor ao profeta nazareno que me permito indagar se

tua leitura sobre a grandeza do Pai Celestial é feita pelos ensinamentos do

Evangelho.

O jovem casal experimentou profunda surpresa em face do inesperado de semelhante pergunta.

☐ Sim.

.
.

☐ esclareceu o interpelado hesitante ☐, mas, se vens da cidade, não ignoras as perseguições movidas a quantos se encontram em ligação com o ☐Caminho☐ do Cristo Jesus.

.
.

Saulo não dissimulou sua alegria, verificando que os companheiros, amantes da leitura, estavam em condições de permutar mais elevadas idéias do novo aprendizado.

Animado pela confissão do outro, sentou -se nas pedras rústicas e, tomando os pergaminhos com interesse, perguntava:

☐Anotações de Levi?

☐Sim ☐ esclareceu Áquila mais senhor de si e certo de se encontrar em face de um irmão de ideal ☐, copiei-as na igreja de Jerusalém, antes de partir.

Num instante, Saulo buscou a cópia do Evangelho que constituía para seu coração uma das mais preciosas lembranças da vida. Conferiram, satisfeitos,

os textos e os ensinamentos.

Tomado de sincero interesse fraternal, o ex -rabino interrogou com solicitude:

☐Quando saíram de Jerusalém? Folgo imenso quando encontro irmãos que conhecem de perto nossa cidade santa. Quando saí de Damasco, não previa que Jesus me reservasse tão gratas surpresas.

☐Faz meses que de lá saímos ☐ explicou Áquila, agora cheio de confiança na espontaneidade das palavras ouvidas.

“Fomos compelidos a

isso pelo movimento das perseguições.

Aquela referência brusca e indireta ao seu passado, perturbava o jovem tarsense no mais recôndito do coração.

“Chegaste a conhecer Saulo de Tarso?” perguntou o tecelão com uma grande ingenuidade a transparecer-lhe dos olhos. Aliás “continuava,

enquanto o interpelado buscava o que responder”, o célebre inimigo de

152

Jesus tem nome igual ao teu.

O ex-rabino considerou que seria melhor seguir à risca o conselho de

Gamaliel.

Era preferível ocultar -se, experimentar a reprovação justa do seu

passado condenável, humilhar -se ante o juízo dos outros, por mais implacáveis

que fossem, até que os irmãos do “Caminho” lhe comprovassem plenamente a

fidelidade do testemunho.

“Conheci-o” replicou vagamente.

“Pois bem” prosseguia Áquila, iniciando a narração das suas

vicissitudes”, é bem possível que, pela tua passagem em Damasco e

Palmira, não tivesses conhecimento perfeito dos martírios que o famoso doutor

da Lei nos impôs, muitas vezes, arbitrariamente.

Tal vez o próprio Saulo,

segundo creio, não pudesse saber as atrocidades cometidas pelos homens

inescrupulosos que tinha às suas ordens, porque as perseguições foram de tal

natureza que, como irmão do “Caminho”, não posso admitir que um rabino

educado pudesse assumir a responsabilidade pessoal de tantos feitos iníquos.

Enquanto o ex-doutor procurava, em vão, uma resposta adequada, Prisca

entrava na conversa, exclamando com simplicidade:

«É claro que o rabino de Tarso não podia conhecer todos os crimes

cometidos em seu nome.

O próprio Simão Pedro,
na véspera de partirmos,

ocultamente, à noite, nos afirmou que ninguém devia odiá-lo, porque, não

obstante o papel que representou na morte de Estevão, era impossível fosse o

mandante de tantas medidas odiosas e perversas.

Saulo compreendia, agora que ouvia os mais humildes, a extensão da

campanha criminoso que desencadeara, dando ensejo a tantos abusos de

subalternos e apaniguados.

«Mas — perguntou admirado — sofreste tanto assim? Foste condenado a

alguma pena?

«Não foram poucos os que sofreram vexames iguais aos que

experimentei murmurou Áquila explicando-se —, dado o condenável

procedimento de uns tantos energúmenos fanáticos, escolhidos como

auxiliares prestimosos do movimento.

«Como assim? inquiriu Saulo sumamente interessado.

«Dar-te-ei um exemplo.

Imagina que um patrício de nome Jochal, várias

vezes interpelou meu pai relativamente à possibilidade da compra de uma

padaria em Jerusalém.

Eu cuidava de minha tenda; meu velho genitor, de seus

serviços.

Vivíamos felizes e, considerando nossa paz, apesar das investidas do

ambicioso, meu pai jamais pensou em alienar a fonte dos seus recursos.

Jochai.

entretanto, logo no início das perseguições, logrou posição de realce.

Em tais feitos, os caracteres mesquinhos sempre levam a palma.

Bastou-lhe

dessem um pouco de autoridade e o invejoso logo expandiu seus criminosos

desejos.

É verdade que eu e Prisca fomos dos primeiros a freqüentar a igreja

do "Caminho", não só por afinidade de sentimento, como por dever a Simão

Pedro a cura de antigos males que me vinham da infância.

Meu pai, no

entanto, apesar da simpatia pelo Salvador, sempre alegava estar bastante

idoso para mudar de idéias religiosas.

Aferrado à Lei de Moisés, não podia

compreender uma renovação geral de princípios em matéria de fé.

Isso,

todavia, não invalidou os instintos perversos do ambicioso.

Certo dia, Jochaí

nos bateu à porta acompanhado de escolta armada, com ordem de prisão para

os três.

Era inútil resistir.

O doutor de Tarso lançara um edito em que toda

resistência significava morte.

Lá nos fomos à prisão.

Em vão meu pai jurou

153

fidelidade à Lei.

Depois do interrogatório, eu e Prisca recebemos ordem de re -

gressar a casa, mas o velho foi encarcerado sem com paixão.

Os bens

modestos foram-lhe imediatamente confiscados.

Depois de muitas providências

de nossa parte, conseguimos voltasse ele à nossa companhia e o valoroso

velhinho, cujo único arrimo era a minha dedicação filial, na sua senectude e

viuvez, expirou em nossos braços no dia imediato ao livramento por nós

ansiosamente esperado.

Quando nos reveio parecia um fantasma.

Guardas

caridosos trouxeram-no quase agonizante.
Ainda lhe pude ver os ossos

quebrados, as feridas abertas, a epi derme lanhada de açoites.
Em palavras

titubeantes, descreveu as cenas lamentáveis do cárcere.
O próprio Jochaí,

rodeado de sequazes, foi o autor dos últimos suplícios.
Não podendo resistir

aos sofrimentos, entregou a alma a Deus!

Áquila estava profundamente comovido.
Furtiva lá grima viera associar-se

às penosas recordações.

«E a autoridade do movimento?» perguntou Saulo emocionado ao
extremo «estaria alheia a esse crime?

«Creio que sim.
A crueldade foi demasiada para que se lhe atribuísse tão -
só a punição por motivos religiosos.

«Mas não te valeste de alguma petição de justiça?

«Quem se atreveria a fazê-lo?» perguntou o empregado de Ezequias
com admiração.

«Tenho amigos que chegaram a recorrer, mas pagaram com castigos
mais violentos o desejo de justiça.

O ex-rabino compreendeu a justeza dos concei tos.
Somente agora tinha

bastante largueza de vistas espi rituais para avaliar a velha cegueira que lhe
negrejera a alma.

Áquila tinha razão.
Muitas vezes fora surdo às rogativas mais

comovedoras.
Invariavelmente, man tinha as decisões mais absurdas dos se us

prepostos inconscientes.
Recordava-se do próprio Jochaí, que lhe parecia tão

prestimoso nos dias de ignorância.

“E que pensas de Saulo?” perguntou bruscamente.

Longe de saber com quem permutava as idéias mais íntimas, Áquila

respondeu sem titubear:

“O Evangelho manda considerá-lo irmão extremamente necessitado da

luz de Jesus-Cristo.

Nunca o vi, mas, temendo as iniquidades praticadas em

Jerusalém, aqui vim parar em fuga precipitada, e tenho orado a Deus por ele,

esperando que um raio do céu o esclareça, não tanto por mim, que nada valho,

mas por causa de Pedro, que considero um segundo pai muito querido.

Acredito que se operariam maravilhas se a igreja do “Caminho” pudesse

trabalhar livremente.

Julgo que os Apóstolos galileus são dignos de um campo

sem espinhos para a sementeira de Jesus.

Dirigindo-se à esposa, enquanto o moço de Tarso silenciava, o tecelão

exclamava com interesse:

“Lembras-te, Prisca, como se exorava pelo perseguidor nas preces

íntimas da igreja?”

Muitas vezes, para esclarecer-nos o espírito fraco no perdão, Pedro nos

ensinava a considerar o implacável rabino como a um irmão que as violências

obscureciam.

Para que nossos ressentimentos mais vivos se desfizessem,

historiava o seu passado, dizendo que, também ele, por ignorância, chegara a

negar o Mestre, mais de uma vez.

Salientava nossas fraquezas humanas,

induzia-nos a melhor compreensão.

Certo dia chegou a declarar que toda a

perseguição de Saulo era útil, porque nos levava a pensar em nossas próprias misérias, a fim de estarmos vigilantes nas responsabilidades com Jesus.

O ex-discípulo de Gamaliel tinha os olhos úmidos.

«Sem dúvida, o famoso pescador de Cafarnaum é um dos grandes irmãos dos infelizes» murmurou convictamente.

A palestra desviou-se para outros comentários, de pois da intervenção de Prisca nas derradeiras notas do assunto, revelando conhecer muitas mulheres de Jerusalém, que, tendo marido e filhos encarcerados, pediam sinceramente a Jesus pela iluminação do célebre perseguidor do «Caminho». Em seguida,

falaram do Evangelho.

O manto de estrelas cobriu suas grandiosas

esperanças, enquanto Saulo bebia a longos haustos a água pura da amizade sincera, naquele novo mundo tão reduzido.

Nessas palestras carinhosas e fraternais, os dias se foram passando rápidos.

De quando em quando, chegavam de Palmira reforços de

abastecimentos e outros recursos.

Os três habitantes do oásis silencioso

entrelaçavam aspirações e pensamentos em torno do Evangelho de Jesus, o

único livro de suas meditações naquelas para gens tão remotas.

O ex-rabino modificara o próprio aspecto, ao contacto direto das forças

agressivas da Natureza.

A epiderme queimada pelo sol dava a impressão de

um homem acostumado à inclemência do deserto.

A barba crescida

transformara-lhe o semblante.

As mãos afeitas ao trato dos livros tornaram-se

calosas e rudes.

Entretanto, a solidão, as disciplinas austeras, o tear laborioso,

Ihe haviam enriquecido a alma de luz e serenidade.
Os olhos calmos e

profundos atestavam os novos valores do espírito.
Entendera, finalmente,

aquela paz desconhecida que Jesus desejara aos discípulos; sabia, agora,
interpretar a dedicação de Pedro, a tranqüilidade de Estevão no Instante da
morte ignominiosa, o fervor de Abigail, as virtudes morais dos freqüentadores
do "Caminho", que perseguira em Jerusalém.
A auto-educação, na ausência

dos recursos da época, ensinara-lhe à alma ansiosa o segredo sublime de se
entregar ao Cristo, para repousar em seus braços misericordiosos e invisíveis.

Desde que se consagrara ao Mestre, de alma e coração, os remorsos, as
dores, as dificuldades como que se afastaram do seu espírito.
Recebia todo

trabalho como um bem, toda necessidade como elemento de ensino.
Sem

esforço, afeiçoou-se a Áquila e sua mulher, como se houvessem nascido
juntos.

Certa vez, o companheiro adoeceu e esteve à morte, prostrado por
violenta febre.

A situação dolorosa, a multiplicação das tempestades de areia,

abateram igualmente o ânimo de Prisca, que se recolheu ao leito com poucas
esperanças de vida.

Saulo, porém, mostrou-se de uma coragem e desvelo

inauditos.

Tomado de sincera confiança em Deus, esperou a restauração da

calma e da alegria.

Jubiloso, viu o regresso de Áquila ao tear e a volta da

companheira aos labores domésticos, cheios de novas expressões de paz e
confiança.

Quando mais de um ano havia corrido sobre aquela soledade, uma

caravana vinda de Palmira trazia -lhe um bilhete lacônico.
O negociante

comunicava-lhe a morte súbita do irmão, aliás de há muito esperada.

A partida de Gamaliel para os reinos da morte não deixou de ser uma dolorosa surpresa.

O velho mestre, depois do pai, foi o maior amigo que encontrou na vida.

Meditou seus últimos conselhos, ponderou -lhe a profunda sabedoria.
Ao seu

influxo, conseguira a paz desejada para ajustar -se à situação espiritual

155

necessária, de maneira a reorganizar a existência.
Nesse dia, pensamentos de

profunda saudade martirizaram-lhe a alma sensível.

À tarde, após a refeição e na hora das meditações costumeiras, o ex -rabino contemplou o casal com ternura maior a transparecer dos olhos francos.

Cada qual se engolfava na meditação do Evangelho Divino, quando o moço tarsense falou com certa timidez, em desacordo com seus gestos resolutos:

□Áquila, muita vez, na solidão do nosso trabalho, tenho pensado na

enormidade do mal que te causou o doutor de Tarso.
Que farias se um dia te

visses repentinamente em face do verdugo?

□ Procuraria estimar nele um irmão.

□E tu, Prisca? □ perguntou à mulher que o fixava curiosa.

□Seria ótima ocasião para testemunhar o amor que Jesus exemplificou em suas lições divinas.

O ex-doutor da Lei recobrou a serenidade e, alteando a voz, exclamou convictamente:

- Sempre considereí que um homem, chamado a administrar, responde por

todos os erros de seus prepostos, no que toca ao plano geral dos serviços.

Portanto, no meu modo de pensar, não culperei tanto, a Jochaí que se arvorou em criminoso vulgar, abusando de uma prerrogativa que lhe foi conferida para execução de tantas vinganças torpes.

“A quem imputarias, então, o assassínio de meu pai?” perguntou Áquila impressionado, enquanto o amigo fazia ligeira pausa.

“Julgo que Saulo de Tarso deveria responder pelo processo.
É verdade

que ele não autorizou o feito cruel, mas, tornou -se culpado pela indiferença pessoal, quanto aos detalhes da tarefa que compet ia ao seu tirocínio.

Os cônjuges entraram a meditar no motivo de tais perguntas, enquanto o moço se calava, retraído.

Por fim, com voz humilde e comovedora, recomeçou a falar:

“Meus amigos, sob a inspiração do Senhor, é justo confessarmo -nos uns aos outros.

Minhas mãos calejadas no trabalho, meu esforço por bem aprender as virtudes da fé, que ambos têm exemplificado a meus olhos, devem ser um

atestado da minha renovação espiritual.

Sou Saulo de Tarso, o sanhoso

perseguidor, transformado em servo penitente.

Se muito erreí, hoje muito

necessito.

Na sua misericórdia, Jesus rasgou a túnica miserável das minhas

ilusões.

Os sofrimentos regeneradores chegaram -me ao coração, lavando-o

com lágrimas dolorosas.

Perdi tudo que significava honrarias e valores do

mundo, por tomar a cruz salvadora e seguir o Mestre na trilha da redenção

espiritual.

É verdade que ainda não pude abraçar -me ao madeiro das lutas

construtivas e santificantes, mas perseverei no esforço de negar -me a mim

mesmo, desprezando o passado de iniquidade e para merecer a cruz da minha

ascensão para Deus.

Áquila e a mulher contemplavam-no com assombro.

Não duvideis da

minha palavra e continuou de olhos úmidos.

Assumo a responsabilidade

dos meus tristes feitos.

Perdoem-me, porém, levando em conta a minha

ignorância criminosa!

.
.

O tecelão e a esposa compreenderam que as lágrimas lhe sufocavam a

voz.

Como que tolhido por singular emoção, Saulo começou a chorar

convulsivamente.

Áquila aproximou -se e abraçou-o.

Aquela atitude carinhosa

156

parecia agravar a contrição penosa, porque o pranto jorrou mais abundante.

Recordou o momento em que encontrara a afetividade sincera de Ananias, e,

sentindo-se ali, nos braços de um irmão, deixou que as lágrimas lhe lavassem

plenamente o coração.

Sentia necessidade de expandir sentimentos afetuosos;

A velha vida de Jerusalém era convencionalismo e secura.

Como doutor

destacado, tivera muitos admiradores, mas em nenhum chegara a sentir

afinidades fraternas.

Naquele recanto do deserto, porém, o quadro era outro.

Tinha à frente um homem digno e honesto, companheiro dedicado e

trabalhador, antiga vítima das suas perseguições inflexíveis e cruéis.

Quantos,

como Áquila e sua mulher, não estariam dis persos no mundo, comendo o pão

amargo do exílio por sua causa? Os grandes sentimentos nunca povoam a

alma de uma só vez, em sua beleza integral.

A criatura envenenada no mal é

qual recipiente de vinagre, que necessita ser esvaziado pouco a pouco.

A visão

de Jesus constituía um acontecimento vivo, imorredouro; mas, para que

pudesse compreender toda a extensão dos seus novos deveres, impunha -selhe

o caminho estreito das provas ríspidas e amargosas.

Vira o Cristo; mas,

para ir ter com Ele, era indispensável voltar atrás e transpor abismos.

As

desilusões da Sinagoga de Damasco, o reconforto junto dos irmãos humildes

sob a direção de Ananias, a falta de recursos financeiros, os conselhos

austeros de Gamaliel, o anonimato, a solidão, o abandono dos entes mais

caros, o tear pesado sob o sol ardente, a penúria de todo e qualquer conforto

material, a meditação diária nas ilusões da vida — tudo isso representara

auxílio precioso para sua decisão vitoriosa.

O Evangelho funcionara como

lâmpada na jornada difícil, para o descobrimento de si mesmo, a fim de ajuizar

as necessidades mais prementes.

Abraçando-se estreitamente ao amigo, que buscava enxugar -lhe as

lágrimas, recordava-se de que em Damasco, após a grande visão do Messias,

talvez ainda guardasse no íntimo o orgulho de saber ensinar, o amor à cátedra

de mestre em Israel, a tendência despótica de obrigar o semelhante a pensar

com ele; ao passo que agora podia examinar o passado culposo e sentir o

júbilo da reconciliação, dirigindo-se com humildade à sua vítima.

Naquele

instante, teve a impressão de que Áquila representava a comunidade e de todos

os ofendidos por seus desmandos cruéis.

Serenidade branda enchia-lhe o

coração.

Sentia-se mais distanciado do orgulho, do amor-próprio, das idéias

amargas, dos remorsos terríveis.

Cada gota de pranto era um pouco de fel que

expungia da alma, renovando-lhe as sensações de tranqüilidade e de alívio.

“Irmão Saulo” disse o tecelão sem ocultar seu júbilo, regozijemo-nos

no Senhor, porque, como irmãos, estávamos separados e agora nos

encontramos juntos novamente.

Não falemos do passado, comentemos o

poder de Jesus, que nos transforma por seu amor.

Prisca, que também chorava, interveio com ternura:

“Se Jerusalém conhecesse esta vitória do Mestre, renderia graças a

Deus!

.
.

Sentados os três sobre a relva rala do oásis, ao sopro do vento que

abrandava os rigores da tarde quente, irmanados na sublimidade da fé comum,

o moço tarsense narrou-lhes o sucesso inolvidável da jornada de Damasco,

revelando as profundas transformações da sua vida.

O casal chorou de emoção e alegria ouvindo o feito da misericórdia de

Jesus, que, a seus olhos piedosos, não representava apenas um gesto de

carinho ao servo desviado, mas uma bênção de amor para a Humanidade

157

inteira.

Daí por diante, a tarefa lhes parecia mais leve, as dificuldades menos

penosas.

Nunca mais passou um c repúsculo sem que comentassem a dádiva

gloriosa do Cristo às portas de Damasco.

“Agora que o Mestre nos reuniu” exclamava Áquila satisfeito,

saiamos do deserto, proclamemos os favores de Jesus pelo mundo inteiro.
Eu

e Prisca não temos muitas obrigações de família.
Com a morte de meu pai,

estamos sós no tocante aos deveres mais pesa dos e é razoável não

perdermos o ensejo de auxiliar a difusão da Boa Nova.
Além das lições de Levi,

temos agora a visão de Jesus ressuscitado, para ilustrar nossa palavra.

Depois de muito tempo, às vésperas de retornarem à luta nos grandes

centros populosos, em lhes ouvindo os apelos entusiásticos, Saulo indagou dos
projetos que acalentavam.

“Desde a tua revelação” exclamou o tecelão confiante e esperançoso

“alimento um grande ideal.
Parece incrível à primeira vista; mas, antes de

morrer, sonho ir a Roma e anunciar o Cristo aos irmãos da velha Lei.
Tua visão

no caminho de Damasco enche-me de coragem! Narrarei o fato aos mais

indiferentes e darei um pouco de luz aos mais insensatos.

Como servidor humilde dos homens, saberei dedicar -me aos interesses do
Salvador.

“Mas, quando pretendes partir?”

“Quando o Mestre rasgar o caminho com o primeiro ensejo.
Isto posto,

abandonaremos Palmira.

Depois de uma pausa em que Saulo se conservava pensativo, o outro

murmurou:

□ Por que não vais conosco a Roma?

□ Ah! se eu pudesse!

□ disse o ex-rabino dando a entender o seu

desejo.

□ Julgo que Jesus desejará ver -me, antes de tudo, inteiramente

reconciliado com quantos ofendi em Jeru salém.

Além disso preciso rever meus

pais, matando as saudades do coração.

Com efeito, depois da passagem da grande caravana que lhes trazia os

substitutos, servidos de um camelo, os três irmãos do □Caminho□ deixaram o

oásis em direção a Palmira, onde a família de Gamaliel os acolheu com

desvelado carinho.

Áquila e a mulher ali ficariam algum tempo ao serviço de Ezequias, até que

pudessem realizar o formoso ideal de trabalho na poderosa Roma dos césares,

mas Saulo de Tarso, agora resistente como um beduíno , depois de agradecer

a generosidade do benfeitor e despedir -se dos amigos com lágrimas nos olhos,

tomou novamente o rumo de Damasco, radicalmente transformado pelas

meditações de três anos consecutivos, passados no de serto.